

O aceno final

Humberto Aragão

O entardecer deixou-se alcançar pela melancolia do crepúsculo, quando você resolveu partir. Houve um silêncio, o encontro derradeiro dos olhares que se despedem e, em seguida, o aceno ao longe.

Em uma relação dialética entre pensamento e linguagem, emudecido, pensei, dizendo, sem dizer palavras. Não se distancie, falei. Como a manhã precisa da luz do sol para resplandecer, a noite, da escuridão para fazer brilhar as estrelas e a brisa, do vento para balançar as folhas da árvore, preciso de sua presença para dar sentido aos meus dias. Embora saiba que nem sempre a materialização dessa presença tocou-me a proximidade, a sua imagem perenizou-se nos contornos delineados pelo coração.

De nada adiantou o arroubo das palavras; elas não foram ouvidas. Você se afastava a cada passo do lugar onde destruíra toda a esperança de uma vida e meus olhos saboreavam o adeus mais amargo que a saudade compôs.

Súbito, o quadro sofre uma inversão. Quem parte sou eu! Você se aproxima, abraço-a, assumo a lonjura e a sua imagem vai ficando para trás. A distância a subtrai, desço a escada do esquecimento, sinto uma letargia e o esfacelamento de uma vida plena de esperança.

E agora, é você, pensando, quem diz, dizendo. Como impedir a terra de girar faceira no infinito? O sol, de rasgar a madrugada irrompendo a alvorada de todas as manhãs? Os peixes, de nadarem nas profundezas do mar, dançando um *ballet* silencioso? Como impedir o meu coração de bater um som rítmico, exprimindo a sublimidade do amor que, desde sempre, sinto por você?

Não formulei respostas, assustei-me com a profusão de um sentimento incontido. Senti medo. Senti muito medo.

Um som melífluo desembacia a nebulosidade do meu pensamento. A natureza canta num tom efusivo. Não há mais pôr de sol, nem momento crepuscular, apenas o cantar dos pássaros, a esperança que desabrocha, o matiz rosicler da manhã que vai nascer. Ah! Se a visse despertar, eu a acordaria com uma rosa vermelha e me questionaria qual das duas flores é a mais bela. A rosa sentir-se-ia enciumada com a minha resposta.

Mas a manhã nasce calada. O silêncio anuncia o vazio. O lugar ermo exprime o mal de ausência, o desamparo, a tristeza, a melancolia.

A convergência dissipa-se. As linhas partem em direção contrária, buscando destinos vazios. Os rumos são diferentes. Sobra a lembrança que insiste em ficar. Prefiro a saudade. A lembrança atira no espaço os fragmentos do sonho

que se desfaz. A saudade interioriza-os, traz para o presente vivido a fragrância do que passou e transborda de alento o coração.

Vejo-a e vejo-me chorando. É uma experiência inenarrável. Penso no desperdício das lágrimas, gotas salgadas que não matam a sede do andarilho cansado, e pergunto-me: para que tantas lágrimas se de volta não trazem o amor que se foi, como o crepúsculo tristonho, cedendo lugar à escuridão da noite? Não encontro resposta, somente o silêncio personificado pelos lampejos de uma luz que, aos poucos, deixa de brilhar.

O sonho desmorona, estilhaça-se como um copo de cristal arremessado ao chão, quebra-se, transforma-se em pedaços irreconciliáveis, escapa das mãos que o seguram como se fosse uma areia escorregadia, foge por entre os dedos e, depois de tudo, só resta o adeus.